



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

VINÍCIUS ARAÚJO DOS SANTOS

A DIGNIDADE INTRÍNSECA DA NATUREZA HUMANA E O DESRESPEITO DA
VIDA NAS PRÁTICAS DA EUTANÁSIA

ANÁPOLIS

2020

VINÍCIUS ARAÚJO DOS SANTOS

A DIGNIDADE INTRÍNSECA DA NATUREZA HUMANA E O DESRESPEITO DA VIDA
NAS PRÁTICAS DA EUTANÁSIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para aprovação no Curso de
Filosofia sob a supervisão da Coordenação
Adjunta de Trabalho de Conclusão de Curso da
Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof. Mestre Tobias Goulão

ANÁPOLIS

2020

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus familiares e amigos. E também a toda pessoa humana, em especial, aquelas que acham que não possuem uma dignidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida. Agradeço também, de modo muito especial, na pessoa do Professor Mestre Tobias Goulão a Faculdade Católica de Anápolis, pelo esmero e pela dedicação, que tanto tem a cada aluno.

“O ser humano tem dignidade, enquanto as coisas têm valor. Sua dignidade não está ligada ao cargo que ocupa, mas à pertença ao gênero humano”

Paulo César Nodari

RESUMO

Toda pessoa humana possui um dignidade intrínseca, independente do seu mérito individual, da sua posição social, de quem quer que seja, da sua raça, da cor, da crença ou da religião. O homem é um bem em toda sua estrutura ontológica, é a plenitude do ser, é bom pelo simples fato de existir. Mas o homem não é um ser a mais no mundo, ele está acima de tudo o que foi criado, ele tem dignidade, enquanto as coisas possuem valor. Essa dignidade, que é particularmente próprio da pessoa, se dá pela sua natureza espiritual, onde o homem, pelas suas faculdades da alma pode dirigir ao absoluto e pode estar ligado diretamente a na sua transcendência. O homem só pode realizar seus desejos espirituais no ser espiritual e absoluto, isto é, o próprio Deus. É o próprio Deus quem cria o homem e assegura sua dignidade, por isso a vida da pessoa humana é inviolável, só Deus dá, só Deus tira. E por isso mesmo a eutanásia é considerada um desrespeito à vida, porque viola diretamente a dignidade da pessoa humana.

Palavras chave: Pessoa humana; Natureza; Dignidade; Ser Absoluto; Transcendência; Eutanásia

ABSTRACT

Every human person has an intrinsic dignity, regardless of their individual merit, their social position, whoever they may be, their race, color, belief or religion. Man is a good in all its ontological structure, it is the fullness of being, it is good simply because it exists. But man is not one more being in the world, he is above all that was created, he has dignity, while things have value. This dignity, which is particularly characteristic of the person, occurs through his spiritual nature, where man, through his faculties of the soul, can address the absolute and can be directly linked to his transcendence. Man can fulfill his spiritual desires only in the spiritual and absolute being, that is, God Himself. It is God Himself who creates man and ensures his dignity, that is why the life of the human person is inviolable, only God gives; only God takes away. That is why euthanasia is considered a disrespect to life, because it directly violates the dignity of the human person.

Keywords: human person; nature; dignity; Be Absolute; Transcendence; Euthanasia

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2. DEFINIÇÃO DE DIGNIDADE	11
2.1. O VALOR DA PESSOA HUMANA	12
2.2 HIERARQUIA DOS SERES	14
3. A NATUREZA HUMANA	14
3.1 DEFINIÇÃO DE PESSOA	15
3.2 DIMENSÕES DA NATUREZA HUMANA	16
3.2.1 A Dignidade do Corpo.....	17
4 A DIGNIDADE INTRÍNSECA DA NATUREZA HUMANA	22
4.1 NATUREZA DA ALMA HUMANA	23
4.1.1 Dignidade Transcendente da Pessoa Humana.....	26
5. A EUTANÁSIA: UM DESRESPEITO À VIDA DA PESSOA HUMANA	30
5.1 A CRISE DO HUMANISMO	32
6 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A dignidade intrínseca da pessoa humana é um tema relevante para ser tratado em nosso meio, ainda mais na modernidade, onde esse assunto se torna cada vez mais insignificante. Devido as grandes mudanças socioculturais, tudo está se tornando relativo, até mesmo o valor absoluto do homem e em consequência o valor inviolável da vida. A dignidade e a vida do homem estão cada vez mais sendo ameaçadas, o homem está se tornando cada vez mais insignificante, sua vida não está mais tendo sentido, a vida não está mais sendo vista como um dom, e sim como um peso.

As respostas para combater essas ameaças serão encontradas na própria pessoa humana, na sua natureza. Tratar da pessoa humana nem sempre foi algo fácil, mas sempre exigiu alguns desafios. O ser humano é acima de tudo um mistério, um mistério até para si mesmo. Mas não é um mistério no sentido de estranho, mas de forma que nunca se poderá chegar ao limite de tudo aquilo que ele é de fato. E é por isso mesmo que possui um valor absoluto, uma dignidade que jamais outra coisa poderá ter. A dignidade é intrínseca em sua natureza, por isso é também inviolável.

O presente trabalho tem como intuito provar a verdadeira dignidade intrínseca da natureza humana por meio da participação ontológica da pessoa humana no valor absoluto e transcendente. Tem também como função demonstrar e combater contra a violação, o desrespeito da vida e da dignidade da pessoa humana que se dá pela eutanásia. Pois é notório, com o avanço e crescimento da medicina, que a vida e a dignidade da pessoa humana está cada vez mais sendo violada.

Para que se possa entender melhor sobre o tema que é proposto, no primeiro capítulo será explanado sobre o termo dignidade. Será feitas definições e distinções desse termo, de como é empregado e como é utilizado. Neste mesmo capítulo será tratado sobre os valores e direitos que compete a pessoa e também as distinções que se pode encontrar entre o ser humana e os outros seres.

No segundo capítulo será explanado especificamente sobre a natureza da pessoa humana. Serão colocadas algumas definições de pessoa e também será apresentado as dimensões da natureza humana. O homem é constituído de alma e corpo, mas o corpo muitas vezes é tido como algo insignificante, vendo que isso é algo errôneo, será, então, comprovado que também possui dignidade.

Logo depois de ter explanado sobre as dimensões da natureza humana, no quarto capítulo, será provado a dignidade da pessoa humana por meio da natureza da sua alma. Ver-

se-á que o homem é um ser espiritual, o único que possui inteligência e vontade, pela qual pode agir livremente e se dirigir-se ao absoluto, e por esse mesmo motivo, possui uma dignidade transcendente, que é a garantia do seu valor absoluto.

Por fim, no último capítulo, será tratado sobre a eutanásia, como se dão suas práticas e em que sentido pode ser considerado um desrespeito à vida e contra a dignidade da pessoa humana. Ver-se-á que a principal causa desse desrespeito são as ideologias aderidas pelo humanismo ateu, que reduz o homem ao materialismo, nega o ser absoluto e com isso, a transcendência e a dignidade da pessoa. Combater o humanismo ateu é um grande desafio.

2. DEFINIÇÃO DE DIGNIDADE

Antes de entrar a fundo sobre o tema da dignidade da natureza humana é necessário compreender quais significados possui o termo dignidade. É um assunto muito amplo e muito complexo, constantemente empregado no meio social, político e profissional, sempre concernente a alguém ou alguma coisa. No entanto, esse não é o foco principal do trabalho, uma vez que o mais importante é mostrar o valor intrínseco da pessoa humana.

A princípio, a palavra dignidade pode significar “qualidade de quem ou daquilo que é digno; cargo honorífico; autoridade moral; nobreza; decoro; honraria; respeitabilidade” (FERNANDES, 1998, p.223). E, com o termo digno entende-se o que é “merecedor, habilitado, capaz, honrado; que convém, apropriado, acomodado, conforme; exemplar; que vale a pena, ilustre” (SILVA et al, 1994, p.604). Boa parte desses termos são utilizados para descrever o que a pessoa faz ou o que ela é do ponto de vista moral e social, mas não dão o verdadeiro valor intrínseco da pessoa.

A dignidade também pode ser vista como um bem. Quando se fala de bem, pode ser entendido como “em geral, tudo o que possui valor, preço, dignidade, a qualquer título. Na verdade, bem é a palavra tradicional para indicar o que, na linguagem moderna, se chama valor” (ABBAGNANO, 2007, p.107). O autor continua dizendo que “um bem também é beleza, dignidade ou virtude humana, bem como uma ação virtuosa, um comportamento aprovável” (Ibidem, p. 107). Essa última definição é empregada ao comportamento humana, o agir bem de uma pessoa.

Brustolin (2010, p.5) afirma que:

A vida é o bem fundamental e básico em relação a todos os demais bens e valores da pessoa. Para a ética, a vida é um bem, mais que um valor. O bem é uma realidade pré-moral, porque existe independentemente do agir e da vontade humana. O valor, ao contrário, é uma qualidade objetiva do agir humano e só existe enquanto tal. A vida sempre tem valor, em todo tempo. Apesar de bem pré-moral, a vida necessita da valorização ética a ser dada pela intencionalidade do agir humano. (BRUSTOIN, 2010, p.5)

Se a vida é um bem, ela jamais pode ser violada por qualquer um que seja. Todos merecem viver, independente de quem seja ou do que tenha feito, a vida é um patrimônio particular de cada pessoa. Será tratado em breve mais sobre essas questões e sobre a violação da vida pela eutanásia, que é um desrespeito que atinge diretamente à dignidade da pessoa, e que acontece com maior frequência nos tempos hodiernos.

Segundo Vilela (1968, p.69-71) na filosofia perene o que predominou foi o conceito de ser. Esse conceito é considerado o primeiro, em todas as ordens do conhecimento intelectual humano; pois tudo possui ser e o ser está em tudo. Enquanto que na ordem moral o que predominou foi o conceito de bem. Ambos os conceitos, em certo sentido, estão interligados. Para bem destacar essa realidade, Vilela, faz uma distinção entre o bem no plano ontológico e o bem no plano moral.

Ele vai dizer que o bem ontológico é o ser em plenitude, uma vez que tudo o que é, é bom pelo simples fato de existir, já no bem moral, nem tudo pode ser bom na medida em que é considerado ontologicamente. Enquanto que o bem ontológico é considerado a plenitude do ser, o moral deve ser a plenitude do ser humano, que deve agir de acordo com a razão do que ele é. Ou seja, as duas coisas devem sempre estar unidas para que se chegue a um valor pleno da pessoa humana.

A dignidade sempre abarca o homem integralmente, tanto no seu ser, tanto no seu agir. Neste caso, podem ser feitas duas distinções de dignidade. A primeira é considerada como dignidade moral, que é aquela que, o ser humano, com sua liberdade e com seu próprio desempenho consegue alcançar ou possuir um patrimônio moral, merecendo respeito e estima pelos demais. Como por exemplo, o presidente, um deputado, um prefeito, um professor. Neste caso, uma pessoa pode ser considerada mais digna que a outra, mas também pode vir a perder essa dignidade.

A segunda é tida como a dignidade ontológica, essa nunca pode ser retirada ou dada por outra pessoa. É algo atribuído intrínseco da natureza humana, que é próprio do simples fato do existir da pessoa, dando a ela um valor irrevogável, impossível de ser retirado. Aqui não se faz distinções entre uma pessoa ou outra, entre cor, raça, religião ou cargo honorífico, mas todos são e possuem o mesmo valor diante da sociedade. “O ser humano tem dignidade, enquanto as coisas têm valor. Sua dignidade não está ligada ao cargo que ocupa, mas à pertença ao gênero humano” (NODARI, 2014, p. 125). O ser humano possui uma nobreza e não um simples valor.

2.1. O VALOR DA PESSOA HUMANA

A pessoa humana, quando falando sobre sua dignidade intrínseca ontológica, é um bem em si mesma, não necessita de nada que está a sua volta para fazer com que seja digna ou mais digna do que já é em si mesma. Kant, ao elaborar um dos imperativos categóricos, fala sobre o princípio da dignidade, “Aja de forma a tratar a humanidade, seja na sua pessoa seja na pessoa

de outrem, nunca como um simples meio, mas sempre ao mesmo tempo como um fim” (apud SANDEL, 2017, p. 154).

Se a pessoa é tratada como um meio ela se torna um objeto, um simples elemento para se chegar a um fim. O homem, possuindo um valor intrínseco, nunca pode ser tratado como tal. Sandel ao falar sobre isso, diz que,

essa é a diferença fundamental, lembra-nos Kant, entre pessoas e coisas. Pessoas são seres racionais. Não tem apenas um valor relativo: têm muito mais, têm um valor absoluto, um valor intrínseco. Ou seja, os seres racionais têm dignidade (SANDEL, 2017, p.154).

Percebe-se então que a pessoa humana possui um valor absoluto, dotado de uma dignidade imanente. É tão importante o valor do ser humano que os direitos humanos têm como base a dignidade ontológica da pessoa para a sua fundamentação e também a própria constituição federal brasileira. Todos possuem o mesmo valor, porque possuem a mesma natureza. Os animais não possuem direitos nem deveres como os homens, porque são só meios. No capítulo primeiro da constituição dos direitos e deveres individuais e coletivos, diz:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988, p.15)

Partindo da dignidade intrínseca da pessoa humana, todos possuem o mesmo valor e são iguais perante a lei. No entanto, na sociedade hodierna, secularizada, há uma ambiguidade, uma viragem, entre dignidade e direitos humanos, causando uma contradição. Os direitos humanos estão fundamentados na dignidade e não ao contrário, como as vezes se pensa. Na sociedade atual estão tomando as prescrições e regras dos direitos humanos para fundamentar e dar o valor às pessoas. Sendo assim, na visão secularizada, aqueles que possuem mais valores morais ou bens materiais são os que mais possuem dignidade.

Ao contrário disso, é, pois, na natureza humana que se tem a base para provar a dignidade do homem. Quando se perde essa base, o homem perde sua identidade e torna-se algo abstrato. “A crise dos valores é, hoje, a crise do homem, que não reconhece a sua dignidade pessoal e, por esse motivo, não respeita a dignidade humana dos demais” (LUCAS, 2005, p.3). É o que acontece na sociedade hodierna, estão desconsiderando o valor da natureza humana e dando maior valor a outras coisas inferiores.

2.2 HIERARQUIA DOS SERES

Dentro de uma escala de valores, o ser humano é o que tem de mais valioso entre todas as coisas que existem. No nível mais inferior encontram-se os seres inanimados, ou seja, aqueles que não possuem vida. “O vivo é aquele que tem dentro de si mesmo o princípio de seu movimento, o que se move sem necessidade de um ser agente externo que o impulse” (STORK; ECHEVARRIA, 2005, p. 24).

Os seres vivos, diferentemente dos seres inanimados, são caracterizados por terem um dinamismo próprio, um movimento imanente. Na escala da vida entre esses seres, há três graus de natureza, tendo em cada uma, um grau mais elevado de perfeição. No nível mais inferior dessa escala se encontra a natureza vegetal, que é inerente às plantas e também aos animais que possuem uma alma superior a das plantas, e por isso tem participação das características da alma vegetativa. Nessa primeira natureza, tem-se como principal função “a nutrição, o crescimento e a reprodução” (apud STORK; ECHEVARRIA, 2005, p. 26). Quanto menor o nível na escala, mais é a dependência no seu ser, isto é, carece de propriedades mais superiores.

No segundo nível da escala se encontra a natureza sensitiva, que é própria dos animais. Eles são superiores às plantas porque possuem faculdades superiores a elas, no entanto, são inferiores aos seres humanos. Os animais agem por instinto, não tem consciência de suas ações, ou seja, agem automaticamente, sem reflexão alguma. Além disso, os animais não possuem inteligência e vontade, faculdades essas que são pertencentes ao homem.

O terceiro nível, e superior às demais, é a alma intelectual. Pertencente somente à pessoa humana, e a nenhum outro ser, o que faz dela superior a todas as coisas. “A hierarquia da vida, no mundo visível, culmina na pessoa. A noção do ser-pessoa é decisiva para distinguir o homem da vida vegetal e animal” (SILVA, 2015, p.142). Com isso, a pessoa humana possui um valor, merece respeito, mas que merecimento é esse? A pessoa merece viver, mas por quê? O que o homem tem que merece todas essas coisas? O que lhe assegura todos esses atributos? Para encontrar essas respostas, é preciso ir à fonte, que é a própria natureza humana.

3. A NATUREZA HUMANA

Antes de entrar a fundo sobre a natureza da pessoa humana é preciso saber o que é a pessoa humana. É, sem dúvidas, a pergunta mais difícil de ser respondida na filosofia, no entanto, é essencial para conhecer melhor a natureza do homem e assim reconhecer sua dignidade e seu verdadeiro valor. Há diversas definições de pessoa, porém, o propósito neste capítulo é mostrar a pessoa humana em um ponto de vista metafísico, com ênfase em sua estrutura ontológica para provar sua dignidade intrínseca.

3.1 DEFINIÇÃO DE PESSOA

Perguntar o que é a pessoa humana talvez possa parecer simples, no entanto, essa pergunta é um tanto complexa. Esse questionamento já foi feito por muitos filósofos, talvez todos a tenham respondido de uma forma ou de outra. Todavia, devido o homem ser uma realidade composta e dado a complexidade de seu ser ao seu ilimitado dinamismo, ninguém tenha chegado perto de saber de fato, quem é este ser misterioso.

Quando o termo “homem” ou a palavra “pessoa” são usados, eles afirmam a mesma coisa, porque o homem é uma pessoa. A palavra pessoa teve muitos significados ao longo dos anos. Os antigos gregos, já naquela época usavam a palavra *prósopon*, que significava rosto, e designava a máscara de teatro, que mais adiante, esse mesmo termo, seria utilizado na época cristã para indicar pessoa. Quem veio depois foram os romanos que começaram a utilizar o termo *persona*, de *per-sonare*, que significa “falar através”, isso para indicar a máscara que era utilizada pelos atores ao interpretar seus papéis.

O primeiro a fazer uma análise mais profunda sobre esse termo foi Santo Agostinho. Em toda sua vida ele dedicou escrevendo sobre Deus e o homem. Em sua obra *De trinitate*¹, em uma tentativa de encontrar um termo para se aplicar distintamente ao Pai, ao filho e ao Espírito e ainda, sem correr o risco de fazer deles três deuses ou de dissolvê-los em sua individualidade, ele utilizou o termo grego *hypóstasis* e seu correlativo *persona* (=pessoa) que “não significa uma espécie, mas algo de singular e de individual” (apud RAMPAZZO, 2018, pg.54).

A primeira definição metafísica da pessoa é formulada por Severino Boécio, ele define a pessoa como “substância individual de natureza racional” (apud RABUSKE, 1986, p.207). É

¹ A Trindade

a definição mais completa da pessoa humana que alguém já havia dado até então. Depois, Santo Tomás de Aquino, ao falar da pessoa toma essa definição. Ele diz que a “pessoa significa o que há de mais perfeito em toda natureza, a saber, no universo, o que subsiste em uma natureza racional” (Suma Teológica, 2001, I, q. 29, a.3).

O termo substância é a primeira categoria de Aristóteles. Substância quer dizer aquilo que subsiste por si mesmo. Então, quando se fala que uma pessoa é substância, quer dizer que ela é um ente em si mesma, ou seja, existe em si e não depende de outro ser para existir; é independente, único, concreto, particular. Não é só o homem que existe como uma substância individual, mas também muitos outros seres, porém o que diferencia o ser humano de todas essas outras coisas é sua natureza racional, que veremos mais adiante.

3.2 DIMENSÕES DA NATUREZA HUMANA

Ao falar de natureza pode haver muitas definições. A princípio o “termo natureza indica, literalmente, tudo o que nascerá ou aquilo que se encontra no fato do nascimento como algo possivelmente consequente” (SILVA, 2005, p.48). Ou seja, a natureza é o princípio de geração, tanto do que nasce como daquilo que pode vir a existir naturalmente. Santo Tomás ao falar da natureza, usando como referência o livro da metafísica de Aristóteles, diz que:

O nome natureza primeiro foi dado para significar a geração dos viventes, isto é, o nascimento. E como essa geração procede de um princípio interior, o termo foi estendido ao princípio intrínseco de todo movimento [...] E, porque este princípio é formal ou material, chama-se em geral natureza tanto a forma como a matéria. Mas porque a forma completa a essência de qualquer coisa, geralmente a essência de qualquer coisa, expressa pela definição, chama-se natureza. (Suma Teológica, 2001, I, q. 29, a.1)

É possível que, em alguns casos, a natureza pode ser entendida como essência. “A essência é aquilo que faz que uma coisa seja o que ela é” (GILSON, 2016, p.20). Em outras palavras, é aquilo que constitui a característica comum de um ser, fazendo com que esse ser seja ele e não outro. Então, quando se fala de natureza humana, é aquilo que é próprio só da pessoa humana, o que faz dela ser pessoa e não outro ser qualquer. A própria natureza do homem possui características que faz com que ele necessariamente haja como uma pessoa, e que o impede de agir ao contrário.

A pessoa em geral significa, como se disse, a substância individual de natureza racional. Ora, o indivíduo é o que é indiviso em si e distinto dos outros. Portanto a pessoa, em qualquer natureza, significa o que é distinto nessa

natureza. Por exemplo, na natureza humana, significa estas carnes, estes ossos e esta alma, que são os princípios individuais do homem. (AQUINO, 2001, p.531).

A natureza humana possui duas dimensões, uma material e a outra formal, isto é, o corpo e a alma. É também chamado de constituição ontológica ou dualismo antropológico da pessoa humana. Há uma união substancial entre corpo e alma, formando a pessoa humana com todas suas dimensões e atributos. Sendo assim, o homem pertence a duas realidades, a sensível, participada pelo seu corpo e a inteligível, participada pela sua alma espiritual.

Todo ser que existe e que possui matéria e forma é chamado de ente. O homem também é um ser, logo possui matéria e forma, ser e essência. A “matéria é aquilo e no qual se faz algo [...] e forma é o ato ou perfeição pelo qual uma coisa é o que é” (MARTINS FILHO, 2004, p. 40). O que diferencia o ser humano dos outros seres é essa união substancial entre corpo e alma. Sendo assim,

podemos dizer que a essência ou substância do homem é uma essência ou substância única, mas composta, cujos componentes são, ao mesmo tempo, o corpo e a inteligência espiritual - ou melhor, a matéria de que é feito o corpo e o princípio espiritual do qual a inteligência é uma faculdade. (J. MARITAIN, apud SGRECCIA, 2009, pg.125).

Por mais que o corpo e a alma formam uma só natureza, e por mais que formam uma única substância, há em cada um, uma natureza própria. Ou seja, o corpo humano possui uma natureza, com atributos e faculdades próprias dele. Assim também é a alma, que possui sua natureza com atributos e faculdades próprias dela. Por esse motivo, a alma possui uma certa superioridade ao corpo.

É essencial saber a constituição de cada uma dessas naturezas para se provar a dignidade ontológica da pessoa humana. A dignidade abarca o homem em todo o seu ser, sem desvalorizar nada da sua natureza. Muitas vezes o corpo humano, numa perspectiva materialista, é tido como algo inferior, é rebaixado de suas qualidades, e é tomado como uma realidade desprezível e até amaldiçoado aos olhos da própria pessoa humana. Para quebrar essas afirmações errôneas é preciso conhecer mais sobre o corpo humano e sua dignidade.

3.2.1 A Dignidade do Corpo

O corpo humano possui uma dignidade, tem um valor. A pessoa não só nasce com um corpo, mas ela é o próprio corpo e esse corpo é uma parte essencial da pessoa. O ser humano

sendo um ser superior aos demais seres, possui um corpo que é também superior a todos os outros seres. Deve-se fazer uma distinção entre corpo humano e corpo não humano, essa diferença, no entanto, não é dada nos dicionários brasileiros. Quando recorrendo a um desses dicionários, diz-se que corpo é “qualquer objeto material caracterizado por suas propriedades físicas” (FERREIRA, 2010, p.202).

Então, para melhor fazer essa distinção é preciso recorrer aos termos *korper* e *leib*. Essa distinção foi feita originalmente por Husserl. Na sua diferenciação “*korper* , **pode ser**² entendido como corpo orgânico, objeto de estudo, e *leib*, corpo vivido ou consciência do próprio corpo” (SGRECCIA, 2009, p.135). A primeira definição se refere aos corpos como simples objeto, como algo puramente externo. A segunda, no entanto, se refere ao “corpo real enquanto que é experimentado pelo sujeito mesmo, como expressão direta de sua identidade” (LUCAS, 2005, p.120).

O corpo humano é corpo entre os corpos. Ele pode encaixar-se nessas duas distinções, tanto no *korper*, tanto do *leib*, uma vez que, o corpo da pessoa humana, também possui algumas semelhanças com os outros corpos. No entanto, o ser humano é o único ser que possui consciência de seu próprio corpo, devido a sua natureza. Edith Stein (apud SBERGA, 2014, p. 316) ao falar da diferença entre os corpos, ela diz que, o que “distingue o corpo humano de um corpo puro e simples é o fato de ser animado. Onde tem um corpo humano tem também uma alma. E inversamente: onde tem uma alma tem também um corpo humano”.

O homem e também os animais possuem uma alma. Eles também possuem as mesmas faculdades sensoriais; os cinco sentidos: a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato. No entanto, há uma diferença essencial entre eles, a diferença está na natureza. Sendo assim “o corpo humano vai além da simples corporeidade animal porque, enquanto humano, leva em si mesmo a vitalidade interior: a alma” (LUCAS, 2005, p. 121). A alma do homem, como sabemos, é racional, enquanto do animal é simplesmente sensorial. Sendo assim, o homem é o único ser que tem consciência de que não apenas possui um corpo, mas é o próprio corpo.

O primeiro passo para reconhecer a dignidade do corpo é saber que sou corpo. “O corpo não é algo que possuo, o corpo que eu vivo em primeira pessoa sou eu mesmo” (Ibidem, p.120). O corpo humano, como vimos, é tido como *leib*, um corpo que revela sua interioridade, uma subjetividade, uma vez que é constituído de alma e corpo. O segundo passo é reconhecer o que faz o corpo humano ser digno. A dignidade do corpo humano se dá pela união substancial com a alma.

² Grifo nosso

O corpo de maneira alguma pode sobreviver sem a alma, uma vez que a alma se desliga do corpo, a matéria (corpo) tende a decompor-se por si mesma. A alma humana também precisa do corpo para se tornar completa.

Sendo dois elementos substanciais, corpo e alma são duas substâncias incompletas, que se acham relacionadas entre si segundo o esquema aristotélico da matéria e da forma, ou melhor ainda, do ato e da potência. De fato, alma se une ao corpo como forma do mesmo, portanto lhe fornece a perfeição pela qual se torna um corpo de espécie humana (MONDIN, 1980, p. 282).

A dignidade do corpo humano começa desde a sua concepção, uma vez que a alma é infundida nesse mesmo momento, dando ao corpo vida. “A alma é portanto o princípio vital dos seres vivos; a forma do corpo; a essência do corpo vivo” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 35). A morte do homem se dá pela separação entre alma e corpo. “A vida do corpo é vegetativa. Ela tem início com a concepção e se encerra com a morte corpórea” (SILVA, 2005, p.83). Sendo assim, só o corpo é que se decompõe, uma vez que sua natureza é material. A alma não se decompõe, ou seja, não morre, uma vez que sua natureza é espiritual.

Quando acontece a morte de uma pessoa, há um grande respeito com aquele que morreu, mesmo que seja só um cadáver. Seja quem for, independente do que tenha feito, se foi uma pessoa boa ou ruim, mesmo assim, a dignidade da pessoa deve ser assegurada desde o início da sua vida até o momento da morte. “Há dignidade desde o nascer até o morrer, porque a vida tem valor por si mesma, possui uma inviolabilidade axiológica de caráter apriorístico” (VIDAL apud BRUSTOLIN, 2010, p. 69).

Sem dúvidas o comportamento de uma pessoa sempre é muito estimado no meio social. Se um homem se comporta mal, não respeitando os valores morais e éticos de uma sociedade, ele deverá pagar por isso, no entanto, isso não é motivo para que a pessoa seja maltratada ou até mesmo mereça morrer. Todas as pessoas merecem ser tratadas com a mesma dignidade, uma vez que todas possuem um mesmo valor ontológico; todos são constituídos da mesma matéria e da mesma forma. É por esse motivo que nenhum ser humano pode tirar a vida de outro ser humano, no entanto, na modernidade, é o que está acontecendo. Um homem tira a vida do outro, ver-se-á esse exemplo nas práticas da eutanásia, que será tratado mais adiante.

Como se sabe, quando há a separação entre corpo e a alma há então a morte da pessoa humana. O corpo a partir do momento em que se separa da alma começa a se decompor, mas mesmo depois da morte o corpo humano ainda possui uma dignidade. “A morte da pessoa humana e a sua proteção se estende um pouco mais, pois o ordenamento jurídico atende ao

reconhecimento à dignidade da vida que ali esteve” (BRUSTOLIN, 2010, p.66). Todo homem depois da morte merece um funeral e um enterro digno para o seu corpo, independente do que tenha feito. Um animal não merece um funeral e nem um enterro como merece o homem. “O cadáver de um cachorro foi um corpo de um cachorro, mas agora é um agregado de substâncias em decomposição” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 34).

Um animal não faz amizades, não expressa sentimentos, não fala, não guarda rancor, não chora por um ente querido, ou seja, todas suas ações são instintivas. Já a pessoa por meio do corpo se relaciona com os outros iguais a si e expressam sentimentos e afetos. Isso só é possível ao homem, que possui uma perfeita união entre corpo e alma racional. “O ser humano, em sua experiência integral, manifesta-se como alguém que é material, que possui corpo, e com a unidade pessoal determinada pelo espírito, que é invisível e inacessível aos sentidos” (SILVA, 2005, p.75).

Com relação a essa união, Santo Tomás de Aquino (2012, p.171) nas questões disputadas sobre a alma vai dizer que a alma e da mesma forma o corpo, estão incompletos quando estão separados. A alma quando desligada do corpo está como uma tábua rasa onde nada ainda foi escrito, e só depois que ligada ao corpo poderá participar das coisas inteligíveis. Da mesma forma o corpo, quando desligado da alma, é considerado insuficiente e nada pode conhecer das coisas sensíveis. Só depois que ligado à alma poderá realizar-se por completo.

No entanto, a alma possui certa superioridade, isto é, uma prioridade do espírito sobre a matéria, uma vez que a mesma possui uma natureza espiritual, e é por necessidade imortal. No entanto, o corpo possui seu papel fundamental, é considerado uma condição indispensável para formar a pessoa humana. Para que haja uma pessoa concreta deve-se ter corpo e alma, juntos, interligados entre si, um completando o outro.

Santo Tomás de Aquino nos esclarece sobre isso, ao dizer que:

Pelo tipo de operação da alma humana, é possível reconhecer qual seu modo de ser. Pois, na medida em que na sua operação transcende às coisas materiais, seu ser se encontra acima do corpo e é independente dele; mas, na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material, é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo. (AQUINO, 2012, p.45)

Tem-se então que, a dignidade do corpo humano, fundamenta-se na união com a alma espiritual. A pessoa humana só é pessoa quando está completa, ou seja, quando possui matéria e forma, corpo e alma, formando uma única natureza. E essa completude se dá desde a concepção, dando ao homem uma dignidade que se estende até o fim da sua vida. A alma é o

que dá a vida ao corpo e o corpo complementa a alma, sendo assim, o corpo possui um valor fundamental.

Contudo, mesmo que a pessoa humana possua um corpo, e esse seja de grande importância para que o homem possa ser completo e realizado, a pessoa não se reduz somente ao corpo. Quando se tratando das duas naturezas distintamente, a alma possui maior valor que o corpo. Ao tratar sobre isso, Adair Aparecida Sberga no livro, a formação da pessoa humana em Edith Stein, menciona que:

A alma é a forma interior do corpo, porque é ela que lhe dá a vida, e a alma é também o espírito, que pode ser chamado de alma intelectual, porque constrói, forma e governa a si mesmo. Segundo Stein, a alma ‘tem uma existência própria e superior àquela do corpo’ [...] a alma cria para si um mundo espiritual, onde ela mesma vive e age. O corpo e a alma fundam-se numa coisa só e constituem a pessoa inteira, um todo sem nenhuma divisão (SBERGA, 2014, p.168).

Vendo que dignidade do corpo se dá pela união com a alma, e que a alma é a essência deste, esta possui então, certa superioridade por causa da sua natureza. Com isso, resta agora buscar os princípios e fundamentos da natureza da alma humana. A dignidade é algo específico e intrínseco somente à pessoa humana, uma vez que os outros seres possuem valor. A natureza da alma humana é muito complexa; de onde vem seu valor? Como surge a alma? Por que a alma possui uma natureza espiritual e porque é imortal? Essas temáticas serão tratadas no próximo capítulo.

4 A DIGNIDADE INTRÍNSECA DA NATUREZA HUMANA

Até aqui já foi realizado todo um caminho para se entender um pouco mais sobre a pessoa e sua natureza. Agora, este capítulo tem por finalidade provar a dignidade intrínseca dessa mesma natureza. A base para se provar está na natureza da alma humana, ou seja, na sua essência, de onde emana toda a dignidade e valor da pessoa. É bom deixar claro que a dignidade abarca o homem em todo o seu ser, integralmente, corpo e alma, porque sem uma dessas partes não existe homem e nem dignidade. Faz-se necessário destacar também que a dignidade vem de algo mais superior, que é da alma, que se junta ao corpo e dá ao homem todo um valor.

A alma humana é o centro de toda a estrutura física, psíquica e espiritual do sujeito, para onde o eu pessoal deve sempre ser conduzido, a fim de encontrar sentido para aquilo que faz e vive. Por essas suas características estruturais, o ser humano é superior a todos os outros seres da natureza, porque é capaz de conhecer a si mesmo, de ir à profundidade de sua alma, de poder autodeterminar-se e compreender-se numa unidade de corpo, psique e espírito (SBERGA, 2014, p.400).

Partindo premissa outrora apresentada de que alma por ter uma natureza espiritual está acima da matéria, pode-se concluir que por esse motivo, só pode ter origem em algo que é também superior e espiritual. Da mesma forma a dignidade da pessoa humana, que evidentemente, não provém do próprio homem, mas sim de algo que é superior a ele. Além do mais, a dignidade é intrínseca, é infundida na natureza humana desde a concepção, sendo assim, nenhum homem tem capacidade de dar a dignidade a alguém. “A dignidade da pessoa humana não pode surgir dos mesmos homens, pois, nesse caso, estaria sujeita aos caprichos dos que mandam, que são volúveis” (STORK; ECHEVARRIA, 2005, p.97).

Quando se fala de algo que é intrínseco, está se referindo de algo que vem de dentro da coisa, que é interno, que é próprio, particular, que já possui desde sempre e que não pode ser retirado. Ou seja, a dignidade intrínseca da pessoa é algo que é próprio só dela, na qual todo homem, independente de raça, cor, religião ou cultura, possui. Esse valor é ontológico, ou seja, é próprio da natureza humana, em todo o seu ser.

A pessoa possui uma dignidade absoluta. Mas essa dignidade não pode proceder do seu ser, que é finito, deve provir de um ser que seja ele próprio absoluto. E não de um absoluto abstracto, de uma ideia, de um valor, de uma lei, ou de qualquer outra figura semelhante. (GUARDINI, 1963 p.182)

Dado que a pessoa tem um valor absoluto, agora só nos resta buscar os motivos pelo qual se diz que a pessoa possui tamanha importância. Já se sabe que o valor absoluto não pode ser dado pelo próprio homem. Segundo Ramón Lucas Lucas (2005, p.179) o homem e a mulher no ponto de vista metafísico são causas secundárias na geração de uma criança. Os pais geram um homem inteiro, no que diz respeito a sua materialidade, agora no que tange o homem em sua totalidade e na sua unidade substancial, eles só geram uma parte do homem.

Por mais que a pessoa humana possua duas dimensões em sua natureza, a alma e o corpo, e por mais que formem uma única unidade substancial, é impossível para um homem gerar a alma, uma vez que a alma não provém de si. A natureza humana é limitada, só pode gerar o que é finito, sendo assim, só pode gerar a matéria. A parte espiritual do homem, que é infinita, só pode ser gerada apenas por um ser espiritual infinito e absoluto. Lucas (2005, p.178) diz que “o espírito humano não é produzido por geração do organismo que o informa, mas sim é criado diretamente por Deus, porque é intrinsecamente independente da matéria e se fosse produzido pela matéria seria dependente dela”.

4.1 NATUREZA DA ALMA HUMANA

Primeiramente é preciso fazer uma recapitulação da existência das três almas. O primeiro a introduzir a distinção entre elas foi Aristóteles (REALE, 2007, p.213-215). A primeira e mais inferior encontra-se a alma vegetal, que é inerente às plantas, e tem como principal função a nutrição, o crescimento e a reprodução. A segunda encontra-se a alma sensitiva, que é própria dos animais, e tem como principais características a sensação, apetite e o movimento. Por fim, a alma racional, pertencente exclusivamente ao homem, e tem como principal característica o conhecimento inteligível racional.

O ser humano é o único ser que possui reunido em seu ser, de forma mais perfeita, todos os atributos e funções que os outros seres possuem. Na hierarquia dos seres, quem está debaixo da pirâmide não participa do que está em cima, mas quem está no topo participa de todas as outras funções. As plantas, por exemplo, não possuem as funções da alma sensitiva; sensação, apetite e movimento, mas os animais possuem as funções vegetativas; nutrição, crescimento e reprodução.

O homem está no topo da pirâmide, com maior valor e o único que possui dignidade. No entanto, se olhando apenas pelo seu lado corporal, estará no mesmo nível que um animal, tendo um mesmo valor e as mesmas funções e faculdades. O ser humano, assim como o animal, sente sensivelmente, tem apetite, movimenta-se, nutre, cresce e se reproduz. “O corpo do

homem compõe-se dos mesmos materiais e obedece às mesmas leis que o dos animais” (Guardini, 1963, p.164). Mesmo possuindo algumas semelhanças, cada um possui uma natureza específica, com diferenças essenciais e propriedades específicas.

Existe, na vida, no nível da pessoa, algo próprio e exclusivo, que a constitui fundamentalmente em um valor superior aos demais seres cósmicos. Encontra-se aqui o valor de uma específica dignidade. A pessoa humana não é um mero exemplar da espécie. Ela não se reduz a uma individualização da essência universal. Seu valor e dignidade estão inscritos em sua estrutura ontológica. (SILVA, 2005, p.144)

Como foi dito, a diferença dos valores se encontra na estrutura ontológica. O homem possui corpo e alma espiritual e pode viver tanto no mundo sensível, tanto no mundo inteligível. O animal, possuindo uma alma sensitiva, vive limitado, fechado em um nível sensitivo e finito, “tem corpo pessoal, mas não tem alma pessoal. Falta-lhe a liberdade como domínio e disposição sobre si mesmo. É dono do seu corpo, mas não é dono da sua alma” (SBERGA, 2014, p.72).

O ser humano é diferente, sua formação não é como a do animal. Por mais que o homem possua um corpo com as mesmas faculdades sensíveis, o ser pessoa difere do animal porque possui um nexos com a vida superior, tornando-o um ser espiritual. O ser humano é o único ser espiritual, porque possui uma alma espiritual, concebida como núcleo interior da pessoa. E, por espiritual, entende-se tudo aquilo que é imaterial, caracterizado como o que é infinito e ilimitado. Diferente do corpo, que é material e qualificado como finito.

A alma humana é espírito. É o que tem de maior valor na estrutura ontológica do ser humano. Na filosofia biológica de Aristóteles (apud SGRECCIA, 2009, p.126) ele afirma que:

A alma humana é também um espírito, uma substância espiritual capaz de existir separada da matéria, pois a alma humana é o princípio radical de uma potência espiritual, cuja ação é intrinsecamente independente da matéria. A alma humana é ao mesmo tempo uma alma e um espírito, e a sua própria substancialidade, a sua própria substância e existência comunicam-se a toda a substância humana, para torná-la o que ela é, para torná-la subsistente e existente.

A alma humana sendo uma substância espiritual é imaterial e imortal. O corpo ao separar-se da alma decompõe-se, mas a alma continua viva. “A imortalidade do espírito humano resulta da natureza mesma do espírito, substância simples e espiritual, que por isso subsiste por si mesmo, não se corrompe, não pode ser destruída e tem um atuar próprio” (LUCAS, 2005, p.191). Para que a alma venha a existir é preciso que esteja conectada a um corpo. A alma humana no início de sua existência precisa estar unida a um corpo, mesmo sendo espiritual.

Fora do corpo a alma humana não existe, porque é infundida no momento da concepção por um ser superior.

O corpo e a alma possuem faculdades próprias. Só que as faculdades do corpo dependem da alma para desempenhar suas funções, enquanto a alma, que é espiritual, só depende de uma parte do corpo. Edith Stein vai dizer que “a alma humana está vinculada ao corpo com suas partes inferiores, a vegetativa e a sensitiva, mas as suas forças espirituais não estão diretamente e indissolúvelmente ligadas ao corpo vivente” (SBERGA, 2014, p.115).

A alma humana é dotada de duas faculdades, a inteligência e a vontade. São faculdades concernentes somente à pessoa humana, porque são de nível espiritual, e por esse motivo são superiores as faculdades do corpo. Faz-se uma distinção entre as faculdades para a melhor compreensão, no entanto, elas estão interligadas entre si, pois uma age em função da outra. Então, na dimensão espiritual encontra-se a relação entre intelecto, vontade e razão; essas formam o homem um ser inteligente.

Aristóteles define o homem como um “animal racional” (REALE; ANTISERI, 2003, p.225). Severino Boécio, como já foi mencionado, em sua definição de pessoa, coloca o homem como possuidor de uma natureza racional. A razão é a característica principal da alma humana. O homem é inteligente, tem razão, e por isso é consciente de suas ações. O homem também é o único ser que tem consciência de si mesmo, que tem domínio sobre o seu corpo e pode utilizá-lo como instrumento da inteligência.

O homem é o único ser que possui autoconsciência e autodeterminação. Com o uso da razão o homem pode conhecer seu corpo e sua alma, e com isso, também pode conhecer muitas outras dimensões do seu ser. Com a autodeterminação, a pessoa é livre, possui autodomínio de si, pode agir por si mesmo, livremente, utilizando a inteligência para conduzir seu ser. “O homem é, sim, um animal e um indivíduo, mas não como os outros. O homem é um indivíduo que se governa por si mediante a inteligência e a vontade” (SGRECCIA, 2009, pg. 139).

Como já foi dito, a inteligência e a vontade caminham sempre juntas e utilizam o corpo como um instrumento. As faculdades da alma e as faculdades do corpo se realizam na pessoa concreta, ou seja, na sua união substancial ontológica. O corpo é o instrumento pelo qual a pessoa-espiritual entra em contato com o mundo, que se comunica com as outras pessoas, que expressa seus sentimentos e afetos, e por esse mesmo corpo está inserido no mundo social, envolto por leis morais e éticas. Isso só é possível, diz Mondin (1980, pg.60), porque “a vida humana se distingue da dos animais e dos outros seres viventes pelos níveis espirituais que atinge e pelas dimensões sociais que alcança: por isso se pode falar em vida espiritual, vida intelectual, vida social, vida política etc.”.

Na vida social o homem tem o dever de agir bem e evitar fazer o mal. Deve fazer o bom uso da sua liberdade, guardando bem sua dignidade ética, ministrando-a pela inteligência. A dignidade é intrínseca na natureza humana, mas se expõe no agir do ser humano, por isso mesmo, deve proceder e manifestar-se com a devida correspondência em relação ao seu ser, ou seja, deve honrar quem é de fato. E, além disso, respeitar a pessoa do outro, porque todos possuem uma mesma dignidade absoluta.

Foi falado tantas vezes da dignidade da pessoa, de sua natureza, de suas características, de sua superioridade aos outros seres, de sua espiritualidade. Mas, afinal, de onde provém sua dignidade? Sua origem é de um ser absoluto, espiritual e imortal. E a pessoa humana possui dignidade uma vez que está em relação com o absoluto. Jacques Maritain afirma que:

A pessoa tem uma dignidade absoluta, porquanto está em uma relação direta com o absoluto, no qual somente ela pode encontrar sua plena realização; sua pátria espiritual é todo o universo dos bens, que tem um valor absoluto, que refletem de algum modo um Absoluto superior ao mundo e que são atraídos por ele. (MARITAIN, 1967, p.17)

A pessoa está aberta ao absoluto por meio da sua estrutura espiritual, que é dotado de inteligência e vontade. A alma que é espiritual eleva à matéria, uma vez que na sua essência ela está aberta ao infinito e supera todos os níveis materiais e temporais, podendo ir além de tudo aquilo que já conquistou ou alcançou e superar a si mesmo continuamente. Aqui está presente a base da dignidade da pessoa humana, isto é, na capacidade de querer, de conhecer e na autotranscendência do homem.

O homem possui muitas características que são próprias somente dele. Ele possui domínio de si mesmo; possui capacidade de comunicar-se; possui autoconsciência e também autotranscendência. Desses pontos apresentados, o que mais se destaca é a autotranscendência da pessoa, capacidade que permite ao homem, sair de si e transpor os limites materiais do corpo.

4.1.1 Dignidade Transcendente da Pessoa Humana

A autotranscendência é, pois, “o movimento com que o homem ultrapassa sistematicamente a si mesmo, tudo o que é, tudo o que adquiriu, tudo o que pensa, quer e realiza” (MONDIN, 1980, p.257). Nenhum outro ser possui essa capacidade, uma vez que é algo próprio apenas da natureza humana. A transcendência não está ligada a matéria, mas é algo intrínseco na alma, uma vez que é ilimitada, enquanto o corpo é limitado. Todo movimento possui uma meta, e qual é a meta da transcendência?

A transcendência é um elemento próprio do espírito humano pela qual ele tende ao absoluto, por meio das faculdades da inteligência e da vontade. É do ser absoluto que emana todo valor e dignidade do ser humano, por isso mesmo, o ser absoluto não é um ser qualquer, nem algo singular, mas sim, um ser ilimitado. “O ser ilimitado em si mesmo é o Ser Absoluto: Deus; portanto, o objeto da transcendência é Deus, e o homem se acha constitutivamente aberto a Ele. Deus é de fato, o ente que possui o ser de modo absoluto. Ele é o Ser” (LUCAS, 2005, p.169).

Uma vez que o ser humano participa do ser absoluto, ele possui também um valor absoluto. “A pessoa é um absoluto, no sentido de algo único, irreduzível a qualquer outra coisa” (STORK; ECHEVARRIA, 2005, p.87). O homem é espiritual, possui inteligência e vontade, e é por meio dessas faculdades que tem participação no ser. Todo ser está em relação com o absoluto, porque o absoluto rege e sustenta tudo. Sendo assim, o homem conhece e está em relação com seu criador. Essa participação acontece porque, a inteligência, sendo uma faculdade espiritual, possui a capacidade de reter o ser enquanto ser; de apreender o finito no horizonte do infinito e porque possui um desejo infinito de conhecer.

Esse processo de conhecimento do homem é chamado de abstração. Nele, o homem que é constituído de alma e corpo, possui em si uma plena harmonia entre as faculdades do corpo e as faculdades da alma. O corpo que é sensível capta o ser particular; limitado, e a partir desse momento, a alma, que é espiritual, capta a essência desse ser, que é imaterial e que está em uma harmonia com o ilimitado. O homem transcende o nível material, consegue ter um conhecimento universal do ser no horizonte do ilimitado, que é onde todo ser se realiza.

Segundo Lucas (2005, p.157) a inteligência é insaciável de conhecimento, sempre quer conhecer coisas novas, nunca está satisfeita consigo mesma. É como um cartão de memória infinito, ilimitado, que se pode encher de conteúdo, mas nunca chegará ao seu limite. A inteligência não só possui a capacidade de conhecer infinitamente, mas também de conhecer da forma mais perfeita quanto já conhece. Do mesmo modo é com a vontade humana, que possui uma abertura ao infinito, é insaciável, uma vez que nunca se contenta com o bem alcançado, mas quer sempre algo novo e pleno. Sendo a inteligência potência ilimitada de verdade e a vontade potência ilimitada de bem, logo, só podem ser saciadas em Deus, o ser absoluto, que é verdade infinita e absoluta e bem ilimitado e absoluto.

Lima Vaz vai dizer que:

O homem é pessoa porque é dotado de um modo de ser que supera nitidamente o modo de ser das plantas e dos animais. E isso porque, não obstante sua autonomia no ser, sua força individual, ele conserva uma extrema abertura

intencional (tanto no conhecer como no querer) pela qual é capaz de toda sorte de comunicação com as coisas, com os outros, com Deus. (VAZ, 2014, p.56)

A pessoa humana é o único ser que pode conhecer a Deus, seu criador. E, além disso, com sua inteligência e vontade, são abertas e participa deste. E é por esse mesmo motivo que é fim em si mesma, porque não precisa de outros seres que o leve até o absoluto, mas o homem mesmo, por sua própria autonomia, pode dirigir-se a ele por si mesmo e livremente. Quanto mais o homem está próximo do seu criador, mais ele se aperfeiçoa. “O valor e a dignidade da pessoa se manifestam mais claramente, à proporção que ela cresce em consciência de que é participante do criador” (SILVA, 2005, p. 127).

A pessoa possui autonomia, encontra razão de ser em si mesma, não depende de outro ser, mas pode ter relação direta com o absoluto, que assegura seu valor e dignidade. E é por esse mesmo motivo que é fim em si mesma, e não pode se tornar meio de forma alguma. Tornar-se meio significa ser utilizada como objeto para um fim. Todo objeto depois de ser utilizado é deixado de lado, é importante lembrar que a pessoa não possui valor, mas sim, dignidade.

Ramon Lucas ao falar da dignidade da pessoa e do seu valor absoluto, afirma que:

Se a **pessoa**³ for fim em si mesma, ninguém pode utilizá-la como meio. Deus mesmo lhe confere o valor absoluto do momento da criação, e nem sequer Ele pode utilizá-la como meio. Seu ato criador é um ato absoluto da vontade: a quer assim, absoluta, e por isso lhe confere o poder de autodeterminar-se. Seu valor e dignidade lhe vêm, em último termo, de Deus, que a quer criar assim. (LUCAS, 2005, p.158)

O homem possui uma dignidade assegurada pelo ser absoluto, isto é, pelo próprio Deus, seu criador. Há, pois, uma relação recíproca entre o ser absoluto e o homem; Deus que se revela e que se deixa ser conhecido pelos homens e, por outro lado, a pessoa humana que deve estar sempre voltada para seu criador, pois, quanto mais está consciente de que tem participação com Ele, mais possui clareza da sua dignidade e do seu valor pessoal. Essa relação se dá pela transcendência, onde o homem supera a si mesmo, o nível material e chega a um nível espiritual onde é capaz de conhecer seu criador.

“O valor da pessoa humana se alicerça em sua participação na vida divina e, por outro lado, nele mesmo está o acesso ao dinamismo pessoal que o possibilita à descoberta de sua totalidade” (SILVA, 2005, p.144). O homem não é um ente entre os outros entes, não é um ser

³ Grifo nosso

a mais que existe no mundo. São muitas as pessoas, estão em todos os lugares, cada uma age de uma forma, cada pessoa é única e é vista inteiramente na sua integridade. Cada uma possui uma personalidade e característica particular que distinguem uma das outras.

“Karol Wojtyla afirma o ser humano como pessoa, seu valor e dignidade intrínsecos ao fato mesmo de ser pessoa, portanto, não outorgada por poderes imanentes ou criados, sejam institucionais ou individuais” (Ibidem, p.138). É por esse motivo que se pode fazer distinções das coisas existentes, as coisas tem valor e o homem possui dignidade, mas não qualquer dignidade; é, pois, uma dignidade transcendente. É transcendente porque ultrapassa qualquer valor material, é superior a qualquer coisa que existe no mundo e é por esse mesmo motivo que não vem nem mesmo do próprio homem, mas vem de Deus.

É impossível provar a dignidade sem falar da transcendência. Recusar a transcendência da pessoa é também negar sua dignidade. Negar sua dignidade é também rejeitar sua natureza. A natureza humana é constituída de alma e corpo, uma única unidade substancial, pela qual uma completa a outra, e negando a parte espiritual da natureza, que é a própria alma, o homem fica somente com o corpo, ou seja, só com a matéria. Desconsiderar o princípio vital é negar a própria vida.

É o que está acontecendo na sociedade hodierna, estão negando a espiritualidade e transcendência da pessoa humana, o que é algo próprio dela e o que a caracteriza como pessoa. “Os homens que afirmam a dignidade do ser humano, porém, fechados na imanência, são inconscientes de que a participação da transcendência divina é a necessária e conveniente fundamentação da dignidade da criatura humana por eles declarada” (SILVA, 2005, p. 137). Rejeitando a essência da pessoa humana, ele se torna algo material.

Quando o homem é reduzido a algo abstrato, até mesmo sua própria vida se torna algo irrelevante. Há, pois, uma desvalorização da vida, uma perda de sua sacralidade, uma ambiguidade da ética e da moral. Segundo Marciano Vidal (apud BRUSTOLIN, 2010, p.68) “a situação atual da consciência moral, diante do valor da vida humana, é de uma ambiguidade notável. Por um lado, se afirma o valor da vida e, por outro, se aponta que a vida humana não é inviolável”. Ao mesmo tempo em que as leis da constituição defendem o valor da vida, abrem também uma série de exceções no princípio da inviolabilidade da vida.

Uma dessas exceções é a morte pela eutanásia. Consideram-na como um meio para que se tenha uma morte digna. Meio para acabar com o sofrimento da pessoa em sua fase terminal quando sua morte é iminente e também para acabar com o sofrimento da família. Será mesmo que a eutanásia é o melhor caminho para um paciente em fase terminal? Será que pode ser considerada como um meio para que a pessoa tenha uma morte digna?

5. A EUTANÁSIA: UM DESRESPEITO À VIDA DA PESSOA HUMANA

A palavra eutanásia, etimologicamente, significa “morte feliz” (VILELA, 1968, p.153). E também pode ter um significado próprio, utilizado de maneira mais particular, que tem como definição “dar a morte por compaixão” (COELHO, 2008, p.171). Na eutanásia há uma variação, que é conhecida como ortotanásia, que significa “morte digna” (RAMPAZZO, 2018, p.199). Em ambas os significados se encontra o termo “morte”, que é, infelizmente, o foco central da eutanásia, que tem sempre como justificativa, eliminar a dor e o sofrimento, tanto do próprio paciente, como da família.

Na definição real, “por eutanásia, em sentido verdadeiro e próprio, deve-se entender uma ação ou uma omissão que, por sua natureza, ou nas intenções, provoca a morte com o objetivo de eliminar o sofrimento” (PAULO II, 1995, nº65). Há, pois, muitas maneiras de ações por parte dos médicos sobre o paciente, que tem como principal delas, a falta de assistência e a privação de medicação adequada ao paciente, para que, com a falta destes, o paciente possa ter uma morte antecipada.

Nas práticas da eutanásia, os profissionais têm como principais motivações, o alívio dos que sofrem; o descarte de pessoas inúteis que só causam mais gastos desnecessários; pessoas deformadas que se chegar a sobreviverem terão uma vida muito difícil; vítimas de guerra com grandes sequelas, como perda de membros. Além dessas justificativas também há o lado da família que enfrenta a dor emocional, incômodo e sofrimento. Essas são algumas de tantas outras motivações.

No meio médico, há um costume de classificar a eutanásia entre passiva e ativa. A passiva é quando o médico, mediante um paciente que está sofrendo e que deseja morrer para suprimir sua dor, suspende uma série de procedimentos, causando a morte do paciente por omissão de cuidados. A ativa é quando o médico, vendo que o paciente não tem cura e que não possui chance alguma de sobreviver, ele mesmo, tira a vida da pessoa, aplicando algum medicamento fatal àquele paciente.

No entanto, segundo Elio Sgreccia (2009, p.712) é preciso evitar o uso desses termos utilizados para distinguir a eutanásia; ativa e passiva. Há um erro, porque a palavra “passiva”, que indica na eutanásia a omissão do médico ao negar a medicação apropriada ao paciente, possui um significado mais abrangente, podendo gerar um equívoco. Diz Sgreccia que a eutanásia é sempre e em todo caso considerada passiva por parte do paciente e sempre ativa por parte de quem a provoca, seja por ação ou omissão.

Com o crescimento exorbitante da medicina nos últimos anos houve também um aumento excessivo do problema da eutanásia. Isso acontece pela falta de observação das regras da ética e pelo desconhecimento do valor absoluto e da dignidade da pessoa humana. Uma pessoa, quando está entre os limites da vida e a morte, entre o reversível e o irreversível, sua vida está nas mãos da medicina. Ou seja, são os profissionais da medicina que decidem o que fazer com o paciente no momento da sua dor e sofrimento. É gerado um conflito entre paciente, médico e os valores morais.

Pio XII no discurso que fez aos participantes do I Congresso de Histopatologia do sistema nervoso de 14 de setembro de 1952 diz, que:

O médico como pessoa privada não pode tomar medida alguma nem tentar intervenção alguma sem o consentimento do paciente. O médico não tem sobre o paciente senão os poderes e os direitos que este lhe confere, quer explícita, quer implicitamente e de maneira tácita. De sua parte, o paciente não pode conferir ao médico mais direito do que aquele que tem. Quanto ao paciente, ele não é o ser absoluto de si mesmo, do próprio corpo e do próprio espírito. Não pode, portanto, dispor deles livremente, a seu bel-prazer. (apud SGRECCIA, 2009, p.708)

Na medicina, ao mesmo tempo em que dizem que estão em defesa da vida, estão em um processo oposto de desvalorização e negação do valor ontológica da pessoa humana. As práticas da eutanásia não são utilizadas apenas em idosos, já no fim de suas vidas, mas também em crianças recém-nascidas e em crianças que nascem com graves defeitos. Cada ser humano, independente de quem seja, independentemente da idade, possui igual valor e uma mesma dignidade. “O direito à vida continua íntegro num velho, ainda que muito debilitado; um doente incurável não o perdeu” (PAULO VI apud SGRECCIA, 2009, p.709).

O homem possui direito à própria vida, e tem inteligência e vontade para decidir-se por si própria, ou seja, possui autonomia, e ninguém tem o direito de tirar sua vida, nem ele mesmo. A eutanásia é, acima de tudo, uma violação da vida, e a vida do ser humano é inviolável, é um bem em si mesma, é, pois, o fundamento de todos os outros bens, e o mais sublime direito do homem. “Se a vida humana não vale por si mesma, qualquer um poderá instrumentalizá-la em função de alguma finalidade contingente” (Ibidem. 2009, p. 700).

A eutanásia é uma violação que rompe diretamente com a própria dignidade intrínseca da natureza humana. “A decisão da eutanásia torna-se mais grave, quando se configura como um homicídio, que os outros praticam sobre uma pessoa que não a pediu de modo algum nem deu qualquer consentimento para a mesma” (PAULO II, 1995, nº66). Muitos acham, ao ver um paciente em um estado vegetativo, respirando por meio de aparelhos e sem consciência, que

esse já perdeu sua dignidade e seu valor absoluto, mas pelo contrário, “O respeito pela vida humana vai se manifestar desde seu aparecimento até a morte, seguindo o princípio pelo qual ‘é preciso viver e morrer com dignidade’” (RAMPAZZO, 2018, p.242).

No mundo moderno, fala-se muito de morrer dignamente, com honra. Nesse sentido, está muito na observância moral e ética, no agir bem da pessoa; como por exemplo um soldado que deu a vida por seu país, uma pessoa que morreu e doou seus órgãos, uma pessoa filantrópica, enfim, muitas outras. Agora, quando se fala em morrer com dignidade, é o direito que cada ser humano independente do que tenda feito, mereça ser respeitado e ter uma boa morte, uma vez que, sua dignidade se dá pela relação direta com o absoluto.

Na modernidade há um grande crescimento da negação da existência de Deus, trazendo em consequência um crescimento do materialismo e da negação da transcendência da pessoa humana. Elio Sgreccia (2009, p.705) considera que, o que pode estar por trás desses fatos, não é talvez, somente a ausência da fé em Deus e da vida eterna, mas antes de tudo a própria morte da metafísica e da ontologia da pessoa.

A eutanásia se une ao processo de secularização que permeia nossa sociedade e que se exprime, sobretudo, como forma de reivindicação da independência do homem também - antes, sobretudo- diante de Deus e, conseqüentemente, como forma de tornar vão o sofrimento e como rejeição do simbolismo religioso da morte. (CAMPANINI apud SGRECCIA, 2009, p.701)

Sofremos a crise do humanismo. O valor objetivo e transcendente da pessoa humana está sendo suprimido pelas filosofias da imanência e do subjetivismo, que tanto cresce em nosso meio e triunfa sobre a verdade. Sem a verdade objetiva, o homem coloca a si mesmo como uma coisa, um mero instrumento na mão dos outros. “A sociedade, na qual a criatura da pessoa humana se mede pela eficácia produtora, pelos valores que possui e não, principalmente pelo valor que ela é em si mesma, gera a cultura da morte, da violência, [...] destruindo, portanto, a si mesma” (SILVA, 2005, p.138).

5.1 A CRISE DO HUMANISMO

Segundo Nicola Abbagnano (2007, p.518), o Humanismo pode ter dois significados, o primeiro “é o histórico, [...] é um aspecto fundamental do Renascimento, mais precisamente o aspecto em virtude do qual o Renascimento é o reconhecimento do valor do homem em sua totalidade e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, que é o da natureza e da história”. O

segundo é, pois, “toda filosofia que tome o homem como "medida das coisas", segundo antigas palavras de Protágoras”.

No início do humanismo houve um grande crescimento e desenvolvimento das ciências, colocando o homem como centro e dominador da natureza. Com isso o homem tornou-se consciente de si mesmo, do seu valor, do seu poder, que é um ser único e de maior relevância entre todos os outros seres; se vê, então, como um ser independente. Quanto mais o homem se viu imerso em um mundo desenvolvido, globalizado, mais distanciou-se de tudo que poderia vir de Deus, do ser absoluto. Aqui houve uma ruptura, do humanismo que era, até então, teocêntrico para um humanismo ateu, que acabou influenciando até os tempos hodiernos.

O humanismo ateu é definido “como todo o sistema de pensamento ou todo o programa de ação que pretende explicar o homem, regular o seu procedimento e promover o seu destino, sem que Deus tenha que intervir” (BERTHÉLÉMY, 1962, p.11). Essa é a principal afirmação do humanismo ateu, a negação de Deus. Quando se nega o ser absoluto, só nos resta então uma interpretação materialista do homem. Ainda hoje o humanismo que nasceu lá na renascença tem influência nos tempos atuais. O que vemos hoje é o problema do materialismo humanista na filosofia do homem, que negam a parte espiritual do homem e sua transcendência. E é por esse mesmo motivo que deve ser descartado do nosso meio.

João Paulo II (1989, p.19) ao falar sobre isso, diz

que nosso é o tempo dos “humanismos”: uns, por sua matriz atéia e secularista, acabam paradoxalmente por mortificar e anular o homem; outros humanismos, ao invés, exaltando-o até o ponto de atingirem formas de verdadeira e própria idolatria; outros enfim, reconhecem justamente a grandeza e a miséria do homem, exprimindo, defendendo e favorecendo sua dignidade.

O humanismo ateu é uma visão puramente materialista do homem. Uma das interpretações materialistas que se tem com maior destaque é a de Karl Marx. Na origem do seu pensamento sofreu influência de Feuerbach, que nega a transcendência da pessoa humana e a reduz a uma realidade imanente, ou seja, ao puro materialismo. Em Feuerbach “para fazer-se grande, o homem precisa destruir a Deus, porque a existência de Deus empobrece o homem e o aliena” (LUCAS, 2005, p.160), ou seja, quanto mais o homem se distancia de Deus, mais o homem se torna senhor de si mesmo.

Karl Max bebe diretamente dessa fonte, e vai um pouco além. Diz que a essência do homem é a práxis. Para ele “O fato fundamental do homem não é a atividade psicológica, mas sim o trabalho que transforma o mundo material e produz mais-valia. Mediante o trabalho, o

homem se eleva à dignidade de ser humano” (LUCAS, 2005, p.161). Ou seja, o homem é aquilo que faz, ele é o seu trabalho, está constantemente inserido no meio sócio-econômico e tem seu valor a partir da sua capacidade de produção.

Há também outras formas de humanismo ateu que ainda hoje está arraigado nos nossos tempos. Um deles é o próprio existencialismo, que tem como principal idealizador, Sartre. Para ele, Deus não existe e se não existe, tudo é permitido. O homem é absolutamente livre, está entregue a sua própria consciência, uma vez que Deus está morto, nada mais se opõe à consciência humana.

No humanismo ateu Deus não existe e o homem fica sendo senhor de si mesmo. Torna-se o senhor da vida. É por esse mesmo motivo que há hoje a cultura da morte. A vida passa a ser caracterizada como uma simples coisa. “Quando o homem não percebe mais o valor transcendente de pessoa, não lhe resta senão sentir uma coisa” (SGRECCIA, 2009, p.705). No humanismo materialista o homem tem o poder de dominação e manipulação sobre a vida da pessoa humana, desde o início, no seu nascimento, até o seu fim, com sua morte. É, pois o próprio homem que tem o poder de tirar a vida de outra pessoa quando bem desejar.

Quando a dignidade da pessoa humana não é reconhecida pelo que a pessoa é em si mesma, mas pelo que ela faz, quando o *ter* sobrepõe o *ser*, gera o capitalismo, o individualismo, o utilitarismo etc. Por esse motivo, perde-se então todo o valor transcendente do homem e não se reconhece mais o valor inviolável da sua vida. Deste modo ele é instrumentalizado e desrespeitado por práticas tais como a eutanásia.

Precisa-se mais do que nunca de um humanismo autêntico, o que assegure a pessoa em toda sua integridade, no seu corpo e na sua alma e que defenda, sobretudo, a dignidade da pessoa. Em relação a isso, Jacques Maritain afirma que:

Diante do humanismo antropocêntrico, que caracteriza a modernidade, é necessário refutar o antropocentrismo, não o humanismo: legítima é a valorização do homem, mas não a sua absolutização. O problema, portanto, é conciliar humanismo e cristianismo, propondo um humanismo teocêntrico que é o único verdadeiramente integral e não requer um retorno à idade média (MARITAIN,1999, p. 17).

O humanismo ateu coloca o homem no centro, senhor de si mesmo, mas, no entanto, enquanto nega o ser absoluto transcendente, destroem a pessoa humana, porque nega sua natureza espiritual. Ao contrário disso, o verdadeiro humanismo é aquele afirma o ser absoluto como ser que assegura a dignidade e valor da pessoa, que não desconhece nada daquilo que pertence ao homem, mas reconhece a natureza humana integralmente. A dignidade é o valor

absoluto da pessoa humana e só se reconhece esse valor quando se conhece verdadeiramente a sua natureza, que está em união com seu criador.

6 CONCLUSÃO

Em relação a tudo que já foi tratado até agora, é possível afirmar que toda pessoa humana possui uma dignidade intrínseca, independente do seu mérito individual, da sua posição social, de quem quer que seja, da sua raça, da cor, da crença ou da religião. Pelo simples fato de ser pessoa humana já possui um valor absoluto, um valor inviolável, e sua estrutura ontológica exige que ela nunca possa ser tratada como meio para algum fim, sob pena de ser considerada como objeto, por isso sempre deve ser tratada como fim de alguma ação.

A dignidade é aquilo que é digno, merecedor, que possui valor, honra, mas é, sobretudo, um bem. A dignidade é um bem ontológico, é a plenitude do ser, uma vez que tudo o que é, é bom pelo simples fato de existir. O homem é o ser mais perfeito entre todos os outros seres, está acima de tudo que existe. É por isso que, enquanto as coisas possuem valor, o ser humano possui dignidade.

A dignidade da pessoa humana é atribuída por meio da sua natureza, que é superior a todas as outras. A natureza humana possui duas dimensões, a corporal e a espiritual, formando uma única substância completa; a pessoa humana. O corpo possui dignidade enquanto este está unido com a alma. A alma é espiritual e imortal, e por isso superior ao corpo, não provém do homem, por ser limitado em seu ser, mas provém de um ser absoluto e imortal, o seu criador, o próprio Deus.

Logo, se a alma é espiritual, possui também duas faculdades que são espirituais, a inteligência e a vontade. Essas só podem ser realizadas plenamente no ser absoluto, por que são insaciáveis no plano material. É, pois, pela transcendência, que a pessoa tem capacidade de sair de si mesma e dirigir-se livremente ao absoluto, por isso tem capacidade de estar em uma relação direta com Ele.

Uma vez que é o próprio ser absoluto que dá a vida a todos os homens, e que dá a cada um sua dignidade, só compete a ele dar ou tirar a vida. Por isso mesmo, a vida é um dom, é o bem mais precioso da pessoa, e é, sobretudo, inviolável. Nada pode ser realizado que vá contra a vida do ser humano. A eutanásia, que foi abordada, é uma violação que atinge diretamente a dignidade intrínseca da pessoa humana, é o meio pelo qual se reduz o ser humano ao materialismo, a uma simples coisa, ao nada.

Isso acontece porque só está sendo considerada apenas uma parte do ser humano, a material. Contudo, a pessoa humana não é só corpo nem só alma, mas é a união entre ambas as partes. A parte material, o corpo, está propensa para a corrupção, é finita, daí não provém valor

algun. Quando a pessoa é só vista dessa forma, como algo material, não passa de uma coisa. Contudo, todas as respostas se encontram no próprio homem, na sua natureza, na sua dimensão espiritual, que é a parte essencial da pessoa humana, de onde emana todo o seu valor, porque está naturalmente voltado para o ser absoluto. Por isso só falta uma coisa ao homem, conhecer a si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5° ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- AQUINO, Tomás De. **Questões disputadas sobre a alma**. São Paulo: Coleção Medievalia, 2012.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica: Teologia-Deus-Trindade**. vol I. parte I. Questões 1-43. 2° ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BERTHÉLÉMY, João. **Visão cristã do homem e do universo**. Lisboa: Editora Sampedro, 1962.
- BRASIL. **Constituição República Federativa do Brasil**: 1988. 17° ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio org. **Bioética: cuidar da vida e do meio ambiente**. São Paulo: Paulus, 2010.
- COELHO, Pe. Mário Marcelo. **O que a igreja ensina sobre (aborto, eutanásia, pena de morte, células-tronco, ecologia, terrorismo etc.)**. 4° ed. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Globo**. 49° ed. São Paulo: Globo, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8° ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GILSON, Étienne. **O ser e a essência**. [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2016.
- GUARDINI, Romano. **O mundo e a pessoa**. São Paulo: livraria duas cidades, 1963.
- LUCAS, Lucas Ramón. **O homem: Espírito encarnado**. Seminário Maria Mater Ecclesiae. São Paulo, 2005.
- MARITAIN, Jacques. **Os direitos do homem**. 3°ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.
- MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Paulus, 1999.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de História da Filosofia**. 3° ed. São Paulo: LTr, 2004.
- MONDIN, Batista. **O homem quem é ele?** 4° ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- NODARI, Paulo César. **Ética, direito e política: a paz em Hobbes, Locke, Rousseau e Kant** [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2014.
- PAULO II, João. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PAULO II, João. **Sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo** (*Cristifideles Laici*). São Paulo: Edições Loyola, 1989.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Rampazzo, Lino. **Antropologia: religiões e valores cristãos**. [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. v.1. 3º ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 23º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2014

SGRECCIA, Elio. **Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica I**. 3º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SILVA, Adalberto Prado e; FILHO, M.B. Lourenço; MARINS, Francisco; MAURER JR, Theodoro Henrique; Curado, José; PEREIRA, Ary Tupinambá; ROSUT, Aleixo. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa/ Encyclopédia Britannica do Brasil**. 14º ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994.

SILVA, Paulo Cesar. **A antropologia personalista de Karol Wojtyła**. Aparecida, SP: ideias e letras, 2005.

STORK, Ricardo Yepes. ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de Antropologia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Júlio”. 2005.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica I**. 12º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VILELA, Padre Orlando. **A pessoa humana no Mistério do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1968.